

# senhora de avalon

marion zimmer bradley

Tradução de Fernanda Semedo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para Diana L. Paxon,  
sem a qual este livro não podia ter sido escrito,  
e para o Darkmoon Circle, as sacerdotisas de Avalon



# PESSOAS NA HISTÓRIA



\* = figura histórica

() = morto antes de a história começar

## PARTE I

### SACERDOTES E SACERDOTISAS DE AVALON

Cailleán, Grã-Sacerdotisa, anteriormente na Casa da Floresta

(Eilan), anteriormente Grã-Sacerdotisa da Casa da Floresta, mãe de Gawen

Gawen, Filho de Eilan e Gaius Macellius

Eiluned, Kea, Marged, Riannon, sacerdotisas seniores

Beryan, Breaca, Dica, Lunet, Lysanda, sacerdotisas juniores e donzelas em treino

Sianna, filha da Rainha das Fadas

Bendeigid, antigo Arquidruída, avô bretão de Gawen

Brannos — um antigo druida e bardo

Cunomaglos, Grão-Sacerdote

Tuarim, Ambios, druidas mais jovens

### MONGES CRISTÃOS DE INIS WITRIN

\* Padre José de Arimateia, líder da Comunidade Cristã

Padre Paulus, o seu sucessor

Alanus, Bron, monges

## ROMANOS E OUTROS

Arius, amigo de Gawen no exército

Gaius Macellius Severus Junior, avô romano de Gawen

(Gaius Macellius Severus Siluricus), pai de Gawen, que foi sacrificado como um Rei-Ano bretão

Lucius Rufinus, centurião responsável pelos recrutas da Nona Legião

Salvius Bufo, comandante da coorte em que Gawen é alistado

Caminhante da Água, um homem do povo dos pântanos que maneja a barca de Avalon

## PARTE II

### SACERDOTES E SACERDOTISAS DE AVALON

Dierna, Grã-Sacerdotisa e Senhora de Avalon

(Becca), irmã mais nova de Dierna

Teleri, uma princesa dos Durotriges

Cigfolla, Crida, Erdufylla, Ildeg, sacerdotisas seniores

Adwen, Lina — donzelas em treino em Avalon

Ceridachos, Arquidruída

Conec, um jovem druida

Lewal, o Curandeiro

### ROMANOS E BRETÕES

Aellius, capitão do *Hércules*

\* Alecto, filho do duovir de Venta, mais tarde no *staff* de Caráusio

\* Constâncio Cloro, um comandante romano, mais tarde César

\* Diocleciano Augusto, imperador sénior

Eiddin Mynoc, príncipe dos Durotriges

Gaius Martinus, um *optio* de Vindolanda

Gnaeus Claudio Pollio, um magistrado de Durnovaria

Vitruvia, mulher de Pollio

\* Marco Aurélio Mauseu Caráusio, almirante da frota bretã, mais tarde imperador da Bretanha

Maximiano Augusto, imperador júnior

Menecrates, comandante do navio-almirante de Caráusio, o *Oríon*

Quintus Julius Cerialis, duovir de Venta Belgarum  
Trebellius, fabricante de equipamentos em bronze

## BÁRBAROS

Aedfrid, Theudibert, guerreiros da guarda menápia de Caráusio  
Hlodovic, um chefe franco do clã sálio  
Wulfhere, um chefe de clã dos anglos  
Radbod, um chefe de clã frísio

## PARTE III

### SACERDOTES E SACERDOTISAS DE AVALON

Ana, Grã-Sacerdotisa e Senhora de Avalon  
(Anara e Idris, a sua segunda e primeira filhas)  
Viviane, a sua terceira filha  
Igraine, a sua quarta filha  
Morgause, a sua quinta filha

Claudia, Elen, Julia, sacerdotisas seniores  
Aelia, Fianna, Mandua, Nella, Rowan, Silvia, noviças da Casa das Donzelas, mais tarde sacerdotisas

Taliesin, chefe bardo  
Nectan, Arquidruida  
Talenos, um druida jovem

## BRETÕES

Ambrósio Aureliano, imperador da Bretanha  
Bethoc, mãe adotiva de Viviane  
Categirn, filo mais velho de Vortigern  
Ennius Claudianus, um dos comandantes de Vortimer  
Fortunatus, um padre cristão e seguidor de Pelágio  
\* Bispo Germano de Auxerre, um defensor da ortodoxia  
Heron, um dos homens dos pântanos  
Neithen, pai adotivo de Viviane  
Uther, um dos guerreiros de Ambrósio

\* Vortigern, Rei Supremo da Bretanha

\* Vortimer, o seu segundo filho

## SAXÕES

Hengest, líder da migração saxónica

Horsa, seu irmão

## FIGURAS DO MITO E DA HISTÓRIA

\* (Agrícola), governador da Bretanha 78-84 AD

Arianrhod, uma deusa bretã associada à lua e ao mar

\* (Boudica), rainha dos Icenos, que conduziu a grande rebelião em 61 AD

Briga/Brigantia, deusa da cura, poesia e da ferraria, Parteira Divina e deusa territorial da Bretanha

\* (Cálgaco), líder bretão que foi derrotado por Agrícola em 81 AD

Camulos, um deus dos guerreiros

\* (Carataco), líder da resistência bretã no primeiro século

Cathubodva, Senhora dos Corvos, deusa dos corvos, uma deusa de guerra, relacionada com Morrigan

Ceridwen, deusa bretã do género «mãe terrível», detentora do caldeirão da sabedoria  
A Rainha das Fadas

O-Dos-Chifres, Cernunnos, senhor dos animais e da metade escura do ano

Lugos, deus iluminado de todos os talentos

Maponus/Mabon, o jovem deus, Filho da Mãe

Minerva, deusa romana da sabedoria e da cura, identificada com Atenas, Sulis e Briga

Modron, deusa mãe

Nehallenia, deusa territorial dos Países Baixos

Nemetona, deusa do bosque

Nodens, deus das nuvens, soberania, cura, possivelmente relacionado com Nuada

\*(Pelágio), líder religioso do século IV

Rigantona, Rainha Suprema, deusa dos pássaros

Sulis, deusa das nascentes curativas

Tenarus, deus trovão

Teutates, deus tribal

# LUGARES



- Aquae Sulis — Bath
- Armorica — Bretanha
- Branodunum — Brancaster, Norfolk
- Caesarodunum — Tours, França
- Calleva — Silchester
- Cantium — Kent
- Clausentum — Bitterne, sobre o Ictis, perto de Southampton
- Corinium — Cirencester, Gloucester
- Corstopitum — Corbridge, Nortúmbria
- Demécia — Dyfed, Gales
- Deva — Chester
- Dubris — Dover
- Durnovaria — Dorchester, Dorset
- Durobrivae — Rochester
- Durovernum Cantiacorum — Cantuária
- Eburacum — York
- Gália — França
- Gariannonum — Burgh Castle, Norfolk
- Gesoriacum — Bolonha, França
- Glevum — Gloucester
- Ictis — rio que desagua na baía em Portsmouth

Inis Witrin — Glastonbury, Somerest  
Lindinis — Ilchester, Somerest  
Londinium — Londres  
Luguvalium — Carlisle  
Mendip, Colinas de — colinas a norte de Glastonbury  
Mona — a ilha de Anglesey  
Mons Graupius — uma montanha na Escócia, local da batalha na qual Agrícola destruiu a última resistência bretã a Roma  
Othona — Bradwell, Essex  
Portus Adurni — Portchester (Portsmouth)  
Portus Lemana — Lymne, Kent  
Rutupiae — Richborough, Kent  
Sabrina Fluvia — o rio Severn e o seu estuário  
Siluria — as terras tribais dos Silures em Gales do Sul  
Segedunum — Wallsend, Nortúmbria  
Segontium — Caernarvon, Gales  
Sorviodunum — Old Sarum, perto de Salisbury  
Stour — rio que atravessa Dorchester e desagua em Weymouth  
Tamesis Fluvivus — rio Tamisa  
Tanatus Insula — a ilha de Thanet, Kent  
Vale de Avalon — as charnecas de Glastonbury  
Vectis Insula — a ilha de Wight  
Venta Belgarum — Winchester  
Venta Icenorum — Caistor, Norfolk  
Venta Silurum — Caerwent, Gales  
Vercovicium — forte de Housesteads, Nortúmbria  
Vernemeton (o bosque mais sagrado) — a Casa da Floresta  
Vindolanda — Chesterholm, perto de Corbridge  
Viroconium — Wroxeter



**BRITANNIA**  
Séculos I-V AD

CALEDÓNIA

△ Mons Graupius

Muralha de Antonino

**A L B A**

Muralha de Adriano

Vercovicium  
Vindolanda  
Luguvalium  
Corstopitum  
Segedunum

Oceanus Germanicus

Oceanus Germanicus

Eburacum

Polaris

Mona  
Segontium  
Deva

Vernemeton (sítio de)

Lindum

Bradodunum

Viroconium

Gariannum

Venta Icenorum

Demécia

Silúria

Venta Silurum

Glevum

Othona

Ilha de Tantus

Sabrina Aest

Aquae Sulis

Tamesis Fluv

Londinium

Durobrivar

Rutupiae

Inis Wair

Mendis Hills

Inis Witrin

Venta Belfarum

Calleva

Durovernum

Cantiacorum

Dubris

Lindinis

Sorviodunum

Durnovaria

Portus Clausentum

Portus Adurni

Portus Lemana

Gesoriacum

Dummonia

Isca

Jetis Flum

Ilha de Vectis

Oceanus Britannicus

GÁLIA

Peter McClure  
1993



## A RAINHA DAS FADAS FALA:

*No mundo da humanidade, as marés de poder estão a mudar... Para mim, as estações dos homens passam em momentos; porém, ocasionalmente, um brilho atrai a minha atenção.*

*Os mortais dizem que no Mundo das Fadas nada muda. Mas não é assim. Há lugares onde os mundos estão tão próximos como dobras num cobertor. Uma dessas pontes é o lugar a que os homens chamam Avalon. Quando as mães da humanidade chegaram a esta terra, as criaturas do meu povo, que nunca tinham tido corpos, fizeram para si formas à semelhança delas. A nova gente construiu as suas casas sobre estacas na margem do lago e caçou através dos pântanos, e nós passeámos e brincámos juntos, porque era a manhã do mundo.*

*O tempo passou, e os mestres de uma sabedoria antiga atravessaram o mar, fugindo à destruição de Atlântida, a sua própria ilha sagrada. Moveram grandes pedras para demarcar as linhas de poder que uniam a terra. Foram eles que prenderam a nascente sagrada em pedra, e escavaram o caminho em espiral em torno do Tor, foram eles que descobriram nos contornos da paisagem campestre os emblemas da sua filosofia.*

*Eram grandes mestres da magia, que entoavam encantamentos através dos quais um homem mortal podia atingir outros mundos. Contudo, eram mortais, e, com o tempo, a sua raça diminuiu, enquanto nós permanecemos.*

*Depois deles vieram outros, de cabelos claros, crianças risonhas com espadas polidas. Mas o toque de ferro frio era algo que não podíamos suportar e, desse tempo em diante, as Fadas separaram-se do mundo humano. Porém,*

*os feiticeiros antigos ensinaram aos humanos sabedoria, e o seu povo sábio, os Druidas, foram atraídos ao poder na ilha sagrada. Quando as legiões de Roma marcharam através da terra, sujeitando-a com estradas de pedra e chacinando os que resistiam, a ilha tornou-se um refúgio para os druidas.*

*Foi apenas há um momento, pelos meus cálculos. Acolhi na minha cama um guerreiro de cabelos dourados que vagueara para a terra das Fadas. Ele definiu de tristeza e mandei-o de volta, mas deixou-me a dádiva de uma criança. A nossa filha é tão branca e loura como ele, e curiosa acerca da sua herança humana.*

*E agora as marés estão a virar e no mundo mortal uma sacerdotisa procura atravessar em direção ao Tor. Somente ontem senti o poder nela, quando a encontrei noutra margem. Como é possível que tenha envelhecido tão subitamente? E desta vez traz com ela um menino cujo espírito também já conheci antes.*

*Muitos regatos do destino fluem agora para a sua junção. Esta mulher, a minha filha e o menino estão ligados num padrão antigo. Para o bem, ou para o mal? Sinto chegar um tempo em que me caberá uni-los, de corpo e alma, a este lugar a que chamam Avalon.*

P A R T E I



# AS SÁBIAS

96-118 AD



# 1



O pôr do Sol avizinhava-se, e as águas quietas do Vale de Avalon estavam revestidas de ouro. Aqui e ali, tufo de verde e castanho erguiam as cabeças por cima das águas quietas, embaciadas pela névoa brilhante que no final do outono velava os pântanos, mesmo quando o céu estava claro. No centro do vale, um Tor pontiagudo erguia-se sobre os outros, coroado por pedras eretas.

Caillean olhou através da água, o manto azul que a identificava como sacerdotisa sénior pendendo em dobras imóveis em redor dela, e sentiu a quietação dissolver a fadiga de cinco dias na estrada. Parecera mais tempo. Decerto, a viagem desde as cinzas da pira em Vernemeton para o coração do País do Verão durara uma vida.

*A minha vida...*, pensou Caillean. *Não devo voltar a sair da Casa das Sacerdotisas.* Seis meses antes, ela trouxera o seu pequeno bando de mulheres da Casa da Floresta para fundar uma comunidade de sacerdotisas nesta ilha. Seis semanas antes voltara, sozinha, demasiado tarde para salvar da destruição a Casa da Floresta. Mas, pelo menos, salvara o rapaz.

— Aquela é a ilha de Avalon?

A voz de Gawen trouxe-a de volta ao presente. Ele pestanejou, como que ofuscado pela luz, e ela sorriu.

— Assim é — disse —, e daqui a um momento chamarei a barca que nos levará lá.

— Ainda não, por favor... — Ele virou-se para ela.

O rapaz estava a crescer. Era alto para um menino de dez anos, mas

ainda parecia ter sido juntado ao acaso, como se o resto do seu corpo estivesse desfasado dos pés e das mãos. A luz do Sol iluminava por trás as madeixas alouradas pelo verão do seu cabelo castanho.

— Prometeu-me que, antes de chegar ao Tor, algumas das minhas perguntas seriam respondidas. Que direi, quando me perguntarem o que faço aqui? Nem tenho a certeza do meu próprio nome!

Nesse momento, os seus grandes olhos cinzentos eram tão parecidos com os da mãe que o coração de Caillean teve um sobressalto. Era verdade, pensou. Prometera falar com ele, mas durante a viagem quase não falara com ninguém, tão gasta estava de exaustão e mágoa.

— Tu és Gawen — disse ela gentilmente. — Foi por esse nome que a tua mãe conheceu o teu pai, e por isso to deu.

— Mas o meu pai era um romano! — A sua voz vacilou, como se não soubesse se devia orgulhar-se ou ter vergonha.

— É verdade, e como ele não teve outro filho, suponho, pela forma como os Romanos ordenam estas coisas, que te chamarias Gaius Macellius Severus, como ele e o seu pai antes dele. Entre os Romanos, é um nome respeitado. Nunca ouvi nada sobre o teu avô, senão que era um homem bom e honrado. Mas a tua avó era uma princesa dos Silures, e Gawen foi o nome que deu ao filho, pelo que não deves envergonhar-te de o ter!

Gawen fitou-a.

— Muito bem. Mas não será o nome do meu pai que murmurarão nesta ilha dos druidas. É verdade... — engoliu em seco e tentou novamente. — Antes de eu sair da Casa da Floresta, dizia-se... É verdade que *ela*, a Senhora de Vernemeton, era minha mãe?

Caillean olhou-o fixamente, recordando com que dor Eilan guardara aquele segredo.

— É verdade.

Ele assentiu com a cabeça e alguma da tensão abandonou-o num longo suspiro.

— Pensei nisso. Costumava sonhar acordado. Todas as crianças que eram criadas em Vernemeton se gabavam de as suas mães serem rainhas e os seus pais serem príncipes que um dia viriam buscá-las. Eu também contava histórias, mas a Senhora foi sempre bondosa comigo e, quando sonhava à noite, a mãe que vinha por mim era sempre *ela*...

— Ela amava-te — disse Caillean, ainda mais docemente.

— Então, porque é que nunca me reclamou? Porque é que o meu pai não casou com ela, se era um homem conhecido e honrado?

Caillean suspirou.

— Era um romano, e as sacerdotisas da Casa da Floresta estavam proibidas de casar ou gerar filhos, mesmo com os homens das tribos. Talvez aqui possamos mudar isso, mas em Vernemeton... A tua existência ser conhecida significaria a morte para ela.

— E assim foi — sussurrou ele, parecendo subitamente mais velho. — Eles descobriram-na e mataram-na, não foi? Ela morreu por minha causa!

— Oh, Gawen — esmagada pela piedade, Caillean estendeu a mão para ele, mas o menino virou as costas —, houve muitas razões. Políticas... e outras coisas que compreenderás melhor quando fores crescido. — Mordeu o lábio, com medo de dizer mais alguma coisa, pois a revelação da existência da criança fora, de facto, a faísca que acendera a chama e, nesse sentido, o que ele dissera era verdade. — A Eilan amava-te, Gawen. Depois de nasceres, ela podia perfeitamente ter-te mandado para adoção, mas não suportava separar-se de ti. Desafiou o seu avô, o Arquidruída, para te manter com ela, e ele concordou, na condição de não se saber que eras seu filho.

— Isso não foi justo!

— Justo! — ripostou ela. — A vida raramente é justa! Tiveste sorte, Gawen. Dá graças aos deuses e não te queixes.

O rosto dele ficou vermelho e depois empalideceu, mas não lhe respondeu. Caillean sentiu a raiva desvanecer-se tão depressa quanto tinha surgido.

— Isso não importa agora, porque já está feito e tu estás aqui.

— Mas a senhora não me quer — sussurrou ele. — Ninguém quer.

Por um momento, ela examinou-o.

— Suponho que deves saber... Macellius, o teu avô romano, desejava manter-te em Deva e educar-te à sua maneira.

— Nesse caso, porque não me deixou com ele?

Caillean olhou-o sem sorrir.

— Queres ser romano?

— Claro que não! Quem quereria? — exclamou ele, corando furiosamente, e Caillean assentiu com a cabeça. Os druidas que instruíam os rapazes na Casa da Floresta tinham-no ensinado a odiar Roma. — Mas devia ter-me dito! Devia ter-me deixado escolher!

— Deixei! — retorquiu ela. — Escolheste vir para aqui!

O desafio parecia ter-se esgotado quando ele se virou novamente para olhar a água.

— Isso é verdade. O que não percebo é porque é que me quis...

— Ah, Gawen — disse ela, a zanga abandonando-a de repente. — Nem uma sacerdotisa compreende sempre o que a move. Em parte, foi por tu seres tudo o que me restava da Eilan, a quem amei como a uma filha. — A garganta

fechou-se-lhe com a dor. Passaram alguns momentos antes de poder voltar a falar calmamente. Depois prosseguiu, numa voz fria como pedra: — E, em parte, porque me pareceu que o teu destino seria entre nós.

O olhar de Gawen ainda estava fixo nas águas douradas. Por alguns momentos, o bater gentil das pequenas ondas nos juncos foi o único som. Por fim, ele ergueu os olhos para ela.

— Muito bem. — A sua voz estalou com o esforço que fazia para se manter controlado. — Será minha mãe, para que eu tenha alguma família?

Caillean fitou-o, por um momento incapaz de falar. *Devia recusar, ou um dia ele quebrará o meu coração.*

— Sou uma sacerdotisa — respondeu por fim. — Tal como a tua mãe era. Os votos que jurámos aos deuses vinculam-nos, por vezes contra os nossos próprios desejos. — *Ou eu teria ficado na Casa da Floresta, e estaria lá para proteger Eilan,* prosseguiu em pensamento. — Compreendes isso, Gawen? Compreendes que, apesar de te amar, poderei, por vezes, ter de fazer coisas que te magoam?

Ele assentiu vigorosamente com a cabeça, e foi o coração dela que sentiu a dor.

— Mãe adotiva, que vai acontecer-me na ilha de Avalon?

Caillean pensou por um momento.

— És demasiado crescido para ficar com as mulheres. Ficarás alojado com os jovens aprendizes de sacerdotes e os bardos. O teu avô era um cantor notável, e talvez tenhas herdado algum do seu talento. Gostarias de aprender a arte dos bardos?

Gawen pestanejou, como se a ideia o assustasse.

— Ainda não... por favor... não sei...

— Não te apoquentes, então. Em qualquer caso, os sacerdotes precisam de algum tempo para te conhecer. Ainda és muito jovem, e não é preciso decidir agora todo o teu futuro.

*E quando chegar a hora, não será Cunomaglos e os seus druidas a decidir quem ele será,* pensou tristemente. *Não pude salvar a Eilan, mas pelo menos posso proteger o seu filho até que ele possa escolher por si próprio...*

— Então — disse ela com vivacidade. — Tenho muitas tarefas que me aguardam. Deixa-me chamar a barca e levar-te para a ilha. Prometo que por hoje não haverá mais nada à tua espera a não ser o jantar e uma cama. Isso contentar-te-á?

— Tem de ser... — sussurrou ele, parecendo duvidar tanto dela como de si próprio.

O Sol tinha-se posto. A ocidente, o céu esmorecia para um rosa luminoso,

mas as neblinas que se prendiam às águas tinham arrefecido para um tom de prata. O Tor estava quase invisível, como se, pensou ela subitamente, alguma magia o tivesse separado do mundo. Pensou no seu outro nome, Inis Witrin, a Ilha de Vidro. A fantasia era estranhamente apelativa. Ela ficaria feliz por deixar para trás o mundo no qual Eilan ardera com o seu amante romano na pira dos druidas. Sacudiu-se um pouco, e tirou um apito de osso da bolsa no seu flanco. O som que este produziu era fino e agudo. Não parecia sonoro, mas soava claramente sobre as águas.

Gawen sobressaltou-se, olhando à sua volta, e Caillean apontou. As águas abertas eram ladeadas por leitos de juncos e pântanos, entrecortados por centenas de canais sinuosos. Uma embarcação baixa, de proa quadrada, emergia de um deles, empurrando os juncos. Gawen franziu a testa, porque o homem que o impelia com a vara não era maior do que ele. Só quando a barca se aproximou viu as rugas no rosto gasto do barqueiro e os salpicos de prata no seu cabelo escuro. Quando o barqueiro viu Caillean saudou-a, levantando o pau para que o andamento do barco o levasse até à margem.

— Aquele é o Caminhante da Água — disse Caillean baixinho. — O seu povo chegou aqui antes dos Romanos, antes mesmo de os Bretões chegarem a estas margens. Nenhum de nós esteve aqui tempo suficiente para aprender a sua língua, mas ele sabe a nossa e disse-me que esse é o significado do seu nome. Tiram muito pouco sustento destes pântanos e ficam gratos pela comida extra que lhes damos, e pelos nossos medicamentos quando estão doentes.

O rapaz continuava de testa franzida quando tomou o seu lugar na popa da barca. Sentou-se, arrastando uma mão pela água e observando a passagem da pequena ondulação, enquanto o barqueiro afastava a barca da margem e começava a levá-los em direção ao Tor. Caillean suspirou, mas não tentou arrancá-lo da sua taciturnidade. Na lua passada ambos tinham sofrido choque e perda, e se Gawen tinha menos consciência do significado do que acontecera na Casa da Floresta, também tinha menos capacidade para lidar com isso.

Caillean ajeitou o manto em seu redor e virou-se para olhar o Tor. *Não posso ajudá-lo. Ele terá de suportar a sua mágoa e confusão... assim como eu,* pensou tristemente, *assim como eu...*

A neblina rodopiava em torno deles, e tornou-se menos densa quando o Tor se agigantou diante dos seus olhos. O chamamento surdo de uma buzina ecoou por cima deles. O barqueiro deu um último impulso com a vara, e a quilha raspou a margem. Ele saltou e empurrou-a mais para terra, e quando a barca ficou quieta Caillean desceu.

Meia dúzia de sacerdotisas desciam o caminho, os cabelos entrançados

caindo pelas costas, vestidas de linho cru. Formaram uma fila diante de Caillean.

Marged, a mais velha, curvou-se reverentemente.

— Bem-vinda de volta para junto de nós, Senhora de Avalon. — Deteve-se, pousando os olhos sobre a forma esguia de Gawen. Por um momento, ficou literalmente sem palavras. Caillean quase podia ouvir a pergunta nos lábios da rapariga.

— Este é o Gawen. Viverá aqui. Podes falar com os druidas e arranjar um lugar para ele esta noite?

— Com todo o prazer, Senhora — respondeu ela num sussurro, sem tirar os olhos de Gawen, que corava furiosamente. Caillean suspirou; se a mera visão de uma criança do sexo masculino — porque mesmo agora ela não conseguia pensar em Gawen como um jovem — tinha este efeito nas suas pupilas mais novas, as suas tentativas de contrariar os preconceitos que tinham trazido com elas da Casa da Floresta seriam de longa dura. A presença dele entre as raparigas podia ser boa para elas.

Havia mais alguém atrás das donzelas. Por um momento, pensou que uma das sacerdotisas mais velhas, talvez Eiluned ou Riannon, tinham desido para a receber. Mas a recém-chegada era demasiado pequena. Avistou cabelo preto; depois a figura ultrapassou as outras e ficou completamente à vista.

Caillean pestanejou. *Uma estranha*, pensou, e voltou a pestanejar, porque a mulher parecia, de repente, completamente em casa e muito familiar, como se Caillean devesse conhecê-la desde o princípio do mundo. Mas não conseguia perceber quando, se é que alguma vez, tinha posto os olhos nela antes, ou quem poderia ser.

A recém-chegada não olhava para Caillean. Os seus olhos, que eram negros e límpidos, estavam fixos em Gawen. Caillean perguntou-se de repente porque tinha pensado que a estranha era pequena, porque ela própria era uma mulher alta e a outra, agora, parecia ainda mais alta. O seu cabelo, que era negro e comprido, estava preso da mesma forma que o das sacerdotisas, numa trança única nas costas, mas usava uma peça de vestuário em pele de veado, e tinha na testa uma grinalda estreita de bagas escarlates.

Olhou para Gawen e depois curvou-se numa vénia até ao chão.

— Filho de Cem Reis — disse. — Sê bem-vindo a Avalon...

Gawen olhou-a, atónito.

Caillean pigarreou, procurando encontrar as palavras adequadas.

— Quem és tu e que queres de mim? — perguntou bruscamente.

— De ti nada, agora — respondeu a mulher com a mesma rudeza —, e

não precisas de saber o meu nome. O meu assunto é com o Gawen. Mas conheces-me há muito tempo, Pássaro Negro, embora não te lembres.

Pássaro Negro... «Lon-dubh», na língua hibernia. Ao som do nome que fora dela quando criança, no qual nem sequer pensara ao longo de 40 anos, Caillean caiu abruptamente em silêncio.

Mais uma vez sentia a dor de feridas e a dor entre as coxas e, pior ainda, a sensação de sujidade e vergonha. O homem que a violara ameaçara matá-la se contasse o que lhe fizera. Tinha-lhe parecido que apenas o mar poderia deixá-la novamente limpa. Abrira caminho entre as sarças na beira do penhasco, indiferente aos espinhos que lhe rasgavam a pele, tencionando atirar-se às ondas que faziam espuma em volta das rochas denteadas lá em baixo.

E, de repente, a sombra entre as sarças tornara-se uma mulher, não mais alta do que ela própria mas incomparavelmente mais forte, que a segurara nos braços, murmurando, com uma ternura que a sua própria mãe nunca tivera vigor para mostrar, e chamara-a pelo nome da sua infância. Ela devia ter acabado por adormecer, ainda embalada nos braços da Senhora. Quando acordara, o seu corpo tinha sido limpo, o pior das suas feridas desvanecera-se numa dor distante e a memória do terror num sonho mau.

— Senhora... — suspirou. Anos mais tarde, os seus estudos com os druidas tinham-lhe permitido dar um nome ao ser que a salvara. Mas a atenção da fada estava presa em Gawen.

— Meu Senhor, guiar-te-ei ao teu destino. Espera por mim à beira da água e um dia, em breve, virei por ti. — Fez nova vénia, não tão profunda desta vez, e de repente, como se nunca tivesse estado ali, desapareceu.

Caillean fechou os olhos. O instinto que a guiara a trazer Gawen para Avalon tinha sido bom. Se a Senhora do Povo das Fadas o honrava, ele devia, de facto, ter um propósito ali. Eilan conhecera o Merlim uma vez, numa visão. Que lhe prometera ele? Apesar de ser romano, o pai deste rapaz morrera como Rei-Ano, para salvar o seu povo. Que significava isso? Por um momento, ela quase compreendeu o sacrifício de Eilan.

Um som engasgado de Gawen trouxe-a de volta ao presente. Ele estava branco como a cal.

— Quem era ela? Porque falou comigo?

Marged olhou de Caillean para o rapaz, de sobrancelhas erguidas, e a sacerdotisa perguntou-se de súbito se as outras tinham visto alguma coisa.

Caillean disse:

— Ela é a Senhora do Povo Mais Antigo, a que se chama Povo das Fadas. Salvou a minha vida uma vez, há muito tempo. Hoje em dia, o Povo Mais

Antigo não vem muitas vezes ao seio da humanidade, e ela não teria aparecido aqui sem razão. Mas por que razão... não o sei.

— Ela fez-me uma vénia. — Ele engoliu em seco, depois perguntou, num sussurro abafado: — Permitirá que vá, mãe adotiva?

— Permitir? Não me atreveria a impedi-lo. Deves estar pronto quando ela vier por ti.

Ele ergueu o olhar para ela, um brilho naqueles olhos claros que subitamente a recordou de Eilan.

— Não tenho escolha, então. Mas não irei com ela, a menos que me responda!

— Senhora, eu nunca poria em causa o seu julgamento, mas o que é que a possuiu para trazer um rapaz daquela idade para aqui?

Caillean engoliu um gole de água do copo feito em chifre e pousou-o na mesa de jantar com um suspiro. Nas seis luas desde que as sacerdotisas tinham chegado a Avalon, parecia-lhe por vezes que a mulher mais jovem não fizera nada além de questionar as suas decisões. Perguntou-se se Eiluned se enganava também a si própria com as suas demonstrações de humildade. Tinha apenas 30 anos, mas parecia mais velha, magra, sempre de testa franzida e sempre a intrometer-se nos assuntos de toda a gente. Apesar disso, era conscienciosa e tinha-se tornado uma assistente útil.

As outras mulheres, reconhecendo o tom, afastaram o olhar e voltaram à sua refeição. O longo salão aos pés do Tor parecera amplo quando os druidas o tinham construído para elas no início do verão. Mas quando se espalhou a notícia sobre a nova Casa das Donzelas, mais raparigas as tinham procurado, e Caillean pensou que teriam de o ampliar antes de outro verão passar.

— Os druidas aceitam rapazes para formação ainda de mais tenra idade — disse ela sem emoção. A luz da lareira brilhava nas planuras macias do rosto de Gawen, fazendo-o parecer momentaneamente mais velho.

— Nesse caso, que fiquem com ele! Ele não pertence aqui... — Fitou o rapaz, que procurou o olhar de Caillean em busca de segurança antes de comer mais uma garfada de milho-miúdo e feijões. Dica e Lysanda, as mais novas das suas donzelas, deram risadinhas até Gawen corar e desviar os olhos.

— Por agora, fiz um arranjo com o Cunomaglos para ele ficar alojado com o velho Brannos, o bardo. Isso deixa-te satisfeita? — perguntou ela com acrimónia.

— Uma excelente ideia! — Eiluned assentiu com a cabeça. — O velho

está trémulo. Vivo com medo de que ele uma noite caia para a lareira ou vagueie até ao lago...

O que a outra mulher dizia era verdade, embora fosse a sua bondade e não a sua fraqueza que levara Marged a escolhê-lo.

— Quem é a criança? — perguntou Riannon, do seu outro lado, os seus caracóis vermelhos a balouçar. — Não era uma das crianças acolhidas em Vernemeton? E que aconteceu quando voltou de visita? Têm voado pelo campo os mais estranhos rumores... — Olhou, expetante, a sua Grã-Sacerdotisa.

— É um órfão. — Caillean suspirou. — Não sei o que terás ouvido, mas é verdade que a Senhora de Vernemeton está morta. Houve uma rebelião. O priorado druida no Norte disseminou-se, e várias das sacerdotisas seniores também estão mortas. A Dieda é uma delas. Na verdade, não sei se a Casa da Floresta sobreviverá e, caso não sobreviva, nós aqui seremos as únicas que restam para guardar a sabedoria antiga e transmiti-la. — Teria Eilan conhecimento prévio do seu destino, teria sabido que apenas a nova comunidade de Avalon sobreviveria?

As outras sacerdotisas recostaram-se, de olhos arregalados. Se partissem do princípio de que tinham sido os Romanos a matar Eilan e as outras, tanto melhor. Ela não tinha amor por Bendeigid, que era agora Arquidruida, mas, embora pudesse estar louco, continuava a ser um dos seus.

— A Dieda está morta? — A voz doce de Kea estava mais débil, e ela segurou o braço de Riannon. — Mas eu ia juntar-me a ela este inverno para mais treino. Como ensinarei aos mais novos as canções sagradas? É uma perda pesada! — Recostou-se no assento, as lágrimas inundando os seus graves olhos cinzentos.

Uma grande perda, de facto, pensou Caillean tristemente, não apenas do conhecimento e talento de Dieda, mas da sacerdotisa que ela podia ter sido se não tivesse escolhido o ódio em vez do amor. Era também uma lição para ela, e uma de que devia lembrar-se quando o ressentimento ameaçasse dominá-la.

— Eu treino-te — disse baixinho. — Nunca estudei os segredos dos bardos de Eriu, mas as canções sagradas e os ofícios sagrados das sacerdotisas druidas vieram de Vernemeton, e conheço-os todos.

— Oh, eu não me referia a... — Kea interrompeu-se, corando furiosamente. — Sei que canta, e também toca harpa. Toque para nós agora, Caillean. Parece ter passado tanto tempo desde que fez música para nós em volta da lareira!

— É um *creuth*, não uma harpa... — começou Caillean automaticamente. Depois suspirou. — Esta noite não, minha filha. Estou demasiado cansada. Devias tu cantar para nós, e aliviar a nossa mágoa.

Forçou um sorriso e viu Kea iluminar-se. A sacerdotisa mais nova não possuía o talento inspirado de Dieda, mas a sua voz, embora leve, era doce e verdadeira, e ela amava as canções antigas.

Riannon deu uma palmadinha no ombro da amiga.

— Esta noite, cantaremos todas para a Deusa e ela confortar-nos-á. Pelo menos, a senhora voltou para nós. — Virou-se para Caillean. — Temíamos que não chegasses a tempo da lua cheia.

— Decerto que vos treinei melhor do que isso! — exclamou Caillean. — Não precisam de mim para realizar esse ritual.

— Talvez não. — Riannon sorriu. — Mas, sem si, não seria a mesma coisa.

Quando saíram do salão havia escuridão total e frio, mas o vento que se levantara com o cair da noite varrera as brumas para longe. Por trás do vulto negro do Tor, o céu noturno resplandecia de estrelas. Caillean olhou a leste e viu os céus iluminarem-se com a ascensão da Lua, que ainda permanecia invisível atrás da colina.

— Apressemo-nos — disse às outras, apertando firmemente o manto quente. — A nossa Senhora já procura os céus. — Começou a subir o caminho e as outras tomaram os seus lugares atrás dela, a respiração de cada uma formando pequenas plumas brancas no ar gelado.

Só quando chegou à primeira curva olhou para trás. A porta do salão ainda estava aberta e via a forma escura de Gawen à luz do candeeiro. Mesmo em silhueta, percebia-se uma solidão dolorosa na sua postura, vendo-se abandonado pelas mulheres. Por um momento, Caillean desejou chamá-lo e convidá-lo a juntar-se-lhes. Mas isso teria escandalizado verdadeiramente Eiluned. Pelo menos ele estava aqui, na ilha sagrada. Depois a porta fechou-se e o rapaz desapareceu. Caillean respirou fundo e dispôs-se a subir o resto da colina.

Ela estivera fora durante uma lua, e não estava em forma para estes esforços. Quando chegou ao cimo, parou ofegante enquanto as outras se lhe juntavam, resistindo ao impulso de se segurar a uma das pedras eretas. Gradualmente, a sua cabeça parou de girar e ela tomou o seu lugar na pedra do altar. Uma a uma, as sacerdotisas entraram no círculo, movendo-se no sentido da lua em torno do altar. Os espelinhos de prata polida que pendiam dos seus cintos brilhavam enquanto cada uma tomava o seu lugar. Kea colocou a taça de prata sobre a pedra, e Beryan, que acabara de fazer os seus votos no solstício de verão, encheu-a com água da nascente sagrada.

Aqui não havia necessidade de convocar um círculo. O lugar já era sagrado, não devendo ser visto por olhos não iniciados, mas quando o círculo de mulheres se completou, o ar dentro dele parecia ter-se tornado mais pesado e extremamente quieto. Até o vento que a fizera tremer desaparecera.

— Aclamamos os céus gloriosos, refulgentes de luz. — Caillean ergueu as mãos, e as outras imitaram-na. — Aclamamos a terra sagrada da qual nascemos. — Dobrou-se e tocou na relva gelada. — Guardiões dos Quatro Cantos, nós vos saudamos. — Juntas, viraram-se para cada uma das direções, olhando até lhes parecer ver os Poderes cujos nomes e formas estavam escondidos nos corações dos sábios que refulgiam diante delas.

Ela virou-se mais uma vez para oeste.

— Honramos os nossos ancestrais que partiram antes. Cuidai das nossas crianças, vós que sois sagrados. — *Eilan, minha amada, cuida de mim... Cuida do teu filho.* Fechou os olhos e, por um momento, pareceu-lhe sentir algo como um toque gentil no cabelo.

Caillean virou-se então para leste, onde as estrelas se desvaneciam no brilho da Lua. O ar em torno dela ficou tenso de antecipação quando as outras fizeram o mesmo, esperando que a primeira fatia brilhante se erguesse acima das colinas. Houve um refulgir; a respiração saiu dela num longo suspiro quando o pinheiro alto no cume mais distante apareceu de repente numa silhueta nítida. E, subitamente, a Lua estava ali, enorme e tingida de dourado. A cada momento sucessivo erguia-se mais alta, deixando a terra atrás de si mais pálida e brilhante, até flutuar livre, em imaculada pureza. Como se fossem só uma, as sacerdotisas ergueram as mãos em adoração.

Com um esforço, Caillean firmou a voz, forçando-se a mergulhar no ritmo familiar do ritual.

— No Leste a nossa Senhora Lua ergue-se — cantou.

— Joia guia, joia da noite — responderam as outras em coro.

— Sagradas sejam todas as coisas em que a Tua luz brilha... — À medida que a voz de Caillean se tornava mais forte, o mesmo acontecia com o coro que a secundava, a sua energia amplificada pela das outras sacerdotisas, e as das outras aumentando com a sua inspiração crescente.

— Joia guia, joia da noite...

— Justa seja cada ação que a Tua luz revela... — Cada verso saía com mais facilidade, o poder refletindo-se da resposta das outras mulheres sobre a sua. Enquanto a energia aumentava, ela deu por si também a aquecer.

— Justa seja a Tua luz sobre os cumes das colinas... — Agora, quando Caillean terminava um verso, encontrava a força para manter a nota através

da resposta, e as outras, sustendo a sua última nota, apoiavam a dela numa doce harmonia.

— Justa seja a Tua luz sobre campos e florestas... — Agora a Lua estava bem por cima das copas das árvores. Via o Vale de Avalon estender-se diante dela, com as suas sete ilhas sagradas, e, enquanto olhava, a visão como que se expandia até parecer que via toda a extensão da Bretanha.

— Justa seja a Tua luz sobre as estradas e os viajantes... — Caillean abriu os braços em bênção e ouviu o soprano límpido de Kea erguer-se subitamente em descante sobre o coro.

— Justa seja a Tua luz sobre as ondas do mar... — A visão dela atravessou rapidamente as águas. Agora começava a perder a consciência do corpo.

— Justa seja a Tua luz entre as estrelas do céu. — A radiância do luar encheu-a, a música elevou-a. Flutuou entre terra e céu, vendo tudo, a alma transbordando num êxtase de bênção.

— Mãe da Luz, Lua justa das estações... — Caillean sentiu a sua percepção estreitar até o brilho da Lua ser a única coisa que podia ver.

— Vinde até nós, Senhora! Deixa que sejamos o Teu espelho!

— Joia guia, joia da noite...

Caillean susteve a sua nota final durante o coro e depois, e as outras, sentindo a energia acumular, sustiveram-na com as suas próprias harmonias. O grandioso acorde vibrou enquanto as cantoras inspiravam, mas permaneceu.

As sacerdotisas cavalgaram o poder, sentindo sem necessidade de sinal o momento de mostrar os seus espelhos. Agora, ainda a cantar, as mulheres aproximaram-se mais, até formarem um semicírculo de frente para a Lua. Caillean, ainda de pé do lado leste do altar, virou-se para elas. A música tornou-se um murmúrio baixo.

— Senhora, desce até nós. Senhora, fica conosco! Senhora, vem até nós agora! — Baixou as mãos.

Treze espelhos de prata flamejaram um fogo branco quando as sacerdotisas os colocaram em ângulos que refletissem o luar. Círculos pálidos de lua dançaram através da relva enquanto elas se viravam para o altar. A luz brilhava da superfície de prata da taça, lançando faíscas cintilantes através das formas quietas das sacerdotisas e nas pedras eretas. E então, quando os espelhos se focaram, os raios de luar refletidos encontraram-se subitamente na superfície da água na taça. Treze luzinhas trémulas correram a unir-se, como se fosse mercúrio, e tornaram-se uma.

— Senhora, Tu que és sem nome, mas chamada por muitos nomes — murmurou Caillean. — Tu que és sem forma e contudo tens muitos rostos, como as luas refletidas nos nossos espelhos se tornam uma imagem única,

assim deve ser o Teu reflexo nos nossos corações. Senhora, nós Te chamamos! Desce até nós, fica connosco!

Soltou a respiração num longo suspiro. O murmúrio desvaneceu-se num silêncio latejante de expectativa. Visão, atenção, toda a existência estava focada no brilho de luz dentro da taça. Ela sentiu a familiar mutação de consciência enquanto o transe se aprofundava, como se a sua carne se dissolvesse e não permanecesse outro sentido além da visão.

Agora, até essa se enevoava, obscurecendo o reflexo da Lua na água da taça de prata. Ou talvez não fosse a imagem mas sim a radiância que esta refletia que estava a mudar, tornando-se mais viva, até a Lua e a sua imagem estarem ligadas por um feixe de luz. Partículas de brilho moveram-se no raio de luar, dando forma a uma figura, suavemente luminosa, que lhe devolvia o olhar com olhos brilhantes.

— *Senhora* — chamou o coração dela. — *Perdi a minha amada. Como sobreviverei sozinha?*

— *Não estás sozinha... tens irmãs e filhas* — veio a resposta, cáustica e, talvez, um pouco divertida. — *Tens um filho... e tens-me a Mim...*

Caillean estava vagamente consciente de as suas pernas terem cedido e se encontrar agora de joelhos. Não importava. A sua alma saiu para a Deusa que lhe sorria, e no momento seguinte o amor que oferecera fluía de volta em tal medida que, por um instante, ela não sabia mais nada.

A Lua ultrapassara o ponto médio do céu quando Caillean recuperou os sentidos. A presença que as abençoara tinha partido, e o ar estava frio. Em torno dela, as outras mulheres começavam a agitar-se. Ela forçou os músculos rígidos a funcionar e pôs-se de pé, tremendo. Fragmentos da visão ainda lhe faiscavam na memória. A Senhora falara com ela, dissera-lhe coisas que ela precisava de saber, mas, a cada momento, ficavam mais esbatidas.

— *Senhora, abençoaste-nos e agradecemos-Te...* — murmurou. — *Que transmitamos essa bênção ao mundo.*

Juntas murmuraram os seus agradecimentos aos Guardiões. Kea avançou para pegar na taça de prata e despejou a água num regato brilhante sobre a pedra. Então, no sentido contrário ao do Sol, circundaram o altar e avançaram para o caminho. Apenas Caillean permaneceu ao lado do altar.

— *Caillean, vem? Arrefeceu aqui!* — Eiluned aguardava no fim da fila.

— *Ainda não. Há coisas em que tenho de pensar. Ficarei aqui um pouco mais. Não te apoquentes, o manto conservar-me-á quente* — acrescentou, embora, na verdade, tremesse. — *Vão vocês.*

— *Muito bem.* — A outra mulher parecia duvidar, mas a voz de Caillean

tinha o tom de uma ordem. Após um momento, também ela se virou e desapareceu do outro lado da colina.

Depois de elas partirem, Cailleán ajoelhou-se ao lado do altar, abraçando-o como se pudesse assim segurar a Deusa que estivera ali.

— Senhora, fala! Diz-me claramente o que queres que faça!

Mas nada lhe respondeu. Havia poder na pedra, uma vibração gentil que ela sentiu nos ossos, mas a Senhora partira e a pedra estava fria. Após algum tempo, sentou-se com um suspiro.

Enquanto a Lua se movia, o círculo ficou marcado pelas sombras das pedras eretas. Cailleán, com a atenção ainda focada no seu interior, teve consciência das pedras sem realmente as ver. Só quando se pôs de pé percebeu que o seu olhar se fixara numa das pedras maiores.

O círculo no cimo do Tor não era muito grande, a maioria das pedras chegando à cintura ou ao ombro de Cailleán. Mas esta crescera mais uma cabeça. Quando reparou nisso, moveu-se e uma figura negra pareceu emergir da pedra.

— Quem... — começou a sacerdotisa, mas ao falar soube, com a mesma certeza que a atingira nessa tarde, quem podia ser. Ouvia uma baixa onda de gargalhadas e a fada expôs-se completamente ao luar, vestida como antes, no seu agasalho de pele de veado e coroa de bagas, parecendo não sentir o frio.

— Senhora das Fadas, eu te saúdo... — disse Cailleán baixinho.

— Saudações, Pássaro Negro — disse a fada, rindo novamente. — Mas afinal transformaste-te num cisne, flutuando no lago com os teus filhotes à volta.

— Que fazes aqui?

— Onde mais poderia estar, filha? O Outro Mundo toca o vosso em vários pontos, embora sejam menos do que antes. Os círculos de pedras são, em certos momentos, portais, assim como todas as orlas da Terra: cumes de montanhas, cavernas, a costa onde o mar encontra a terra... mas há certos pontos que existem sempre em ambos os mundos, e entre esses, este Tor é dos mais poderosos.

— Já o senti — disse Cailleán baixinho. — Por vezes também era assim na Colina das Donzelas, perto da Casa da Floresta.

A fada suspirou.

— Aquela colina é um lugar sagrado, e agora ainda mais, mas o sangue que ali foi derramado fechou o portal.

Cailleán mordeu o lábio, vendo mais uma vez cinzas mortas sob um céu choroso. A sua dor por Eilan nunca teria fim?

— Fizeste bem em partir — prosseguiu a fada. — E também em trazeres o rapaz.

— Que pretendes dele? — O medo por Gawen endureceu o seu tom.  
— Prepará-lo para o seu destino... O que é que *tu* queres para ele, sacerdotisa, podes dizer-mo?

Caillean pestanejou, tentando recuperar o controlo da conversa.

— Qual é o seu destino? Conduzir-nos-á contra os Romanos e trará de volta os modos de vida antigos?

— Esse não é o único género de vitória — respondeu-lhe a Senhora das Fadas. — Por que julgas que a Eilan arriscou tanto para ter a criança e mantê-la em segurança?

— Era a sua mãe... — começou Caillean, mas as suas palavras perderam-se na resposta da fada.

— Ela era Grã-Sacerdotisa, e soberba. E era uma filha daquele sangue que trouxe a mais alta sabedoria humana a estas margens. Aos olhos humanos, ela falhou, e o seu amante romano morreu em vergonha. Mas tu sabes que não foi assim.

Caillean fitou-a, cicatrizes de ofensas que ela julgara esquecidas acordando para uma nova dor na sua memória.

— Não nasci nesta terra, nem venho de linhagem nobre — disse, com tensão na voz. — Estás a dizer-me que não tenho o direito de estar aqui, ou de criar o rapaz?

— Pássaro Negro. — A outra mulher abanou a cabeça. — Escuta o que te digo. O que era da Eilan por herança é teu por treino e trabalho, e uma dádiva da Senhora da Vida. A própria Eilan te confiou essa tarefa. Mas o Gawen é o último herdeiro da linhagem dos Sábios, e o seu pai era um filho do Dragão por parte da mãe, ligado à terra pelo seu sangue.

— Era isso que querias dizer, então, quando lhe chamaste Filho de Cem Reis... — sussurrou Caillean. — Mas de que serve isso agora? Os Romanos governam.

— Não posso dizer. Foi-me dado saber apenas que ele deve estar preparado. Tu e o priorado druida vão mostrar-lhe a maior sabedoria da humanidade. E eu, se pagares o meu preço, mostrar-lhe-ei os mistérios desta terra a que vocês chamam Bretanha.

— O teu preço — repetiu Caillean, engolindo em seco.

— É o tempo de construir pontes — disse a rainha. — Tenho uma filha, Sianna, gerada por um homem da tua espécie. Ela tem a mesma idade do rapaz. Quero que a acolhas na tua Casa das Donzelas. Ensina-lhe a tua forma de vida e a tua sabedoria, Senhora de Avalon, e eu ensinarei a Gawen as minhas...

## 2



— **V**ieste, então, para te juntar à nossa ordem? — perguntou o ancião. Gawen olhou-o com surpresa. Quando a sacerdotisa Kea o levou a Brannos na noite anterior, parecera ao rapaz que o velho bardo sobrevivera à sua inteligência e à sua música. O seu cabelo era branco, as mãos tão tolhidas pela idade que já não conseguia dedilhar as cordas da harpa, e quando Gawen lhe fora apresentado ele mexera-se na sua cama apenas o suficiente para apontar uma pilha de peles de carneiro onde o rapaz se podia instalar e voltara a adormecer.

O bardo não parecera muito prometedor enquanto mentor neste sítio estranho, mas as peles de carneiro eram quentes e não tinham pulgas e o rapaz estava muito cansado. Ainda mal pensara nas coisas estranhas que lhe tinham acontecido na lua passada quando o sono o dominou. No entanto, de manhã, Brannos era muito diferente da criatura desorientada da noite anterior. Os seus olhos remelosos eram surpreendentemente argutos e Gawen sentiu-se corar sob aquele olhar cinzento.

— Não tenho a certeza — respondeu prudentemente. — A minha mãe adotiva não me disse o que tenho de fazer aqui. Perguntou-me se gostaria de ser um bardo, mas eu só aprendi as canções mais simples que as crianças acolhidas na Casa da Floresta cantavam. Gosto de cantar, mas ser um bardo deve ser mais do que isso...

Não era propriamente verdade. Gawen adorava cantar, mas o Arquidruída Ardanos, que era o bardo mais notável entre os druidas do seu tempo, odiava

a mera visão dele e nunca sequer o deixara tentar. Agora que ele sabia que Ardanos era o seu próprio bisavô, aquele que tinha querido matar Eilan ao saber que estava de bebê, compreendia porquê, mas ainda tinha algum medo de revelar o seu interesse.

— Se eu fosse chamado para esse caminho — disse cuidadosamente —, não devia sabê-lo já?

O velho cuspiu para o lume.

— O que gostas de fazer?

— Na Casa da Floresta ajudava com as cabras e, por vezes, trabalhava no jardim. Quando havia tempo, eu e as outras crianças jogávamos à bola.

— Então gostas de andar por aqui e por ali, mais do que de estudar? — Os olhos argutos fixaram-se nele mais uma vez.

— Gosto de fazer coisas — disse Gawen lentamente —, mas também gosto de aprender coisas, se forem interessantes. Adorava as histórias que os druidas costumavam contar. — Perguntou-se que género de histórias aprenderiam as crianças romanas, mas sabia que era melhor não perguntar.

— Se gostas de histórias, vamos dar-nos bem — disse Brannos, sorrindo. — Desejas ficar?

Gawen desviou o olhar.

— Julgo que existiam bardos entre os meus. Se calhar, foi por isso que a Senhora Caillean me mandou para junto de si. Se eu não tiver talento para a música, continuará a querer-me?

— É dos teus braços e pernas fortes que preciso, infelizmente, não de música. — O velho suspirou; depois, baixou as sobrancelhas hirsutas. — «Julgas» que existiam bardos na tua família? Não sabes? Quem eram os teus pais?

O rapaz olhou-o com cautela. Caillean não tinha *dito* que ele devia manter em segredo a sua filiação, mas o conhecimento era tão novo para ele que não lhe parecia real. Mas talvez Brannos tivesse vivido tanto tempo que nem mesmo isto lhe parecesse estranho.

— Acreditaria que até esta lua eu não sabia, sequer, os seus nomes? Estão mortos, agora, e suponho que já não lhes fará mal que as pessoas saibam de mim... — Ouviu, com surpresa, o ressentimento nas suas próprias palavras. — Dizem que a minha mãe era a Grã-Sacerdotisa de Vernemeton, a Senhora Eilan. — Recordou a sua voz doce e a fragrância que se prendia sempre aos seus véus, e pestanejou para segurar as lágrimas. — Mas o meu pai era um romano, pelo que perceberá que, provavelmente, eu nunca devia ter nascido.

O velho druida já não podia cantar, mas não havia nada de errado com os seus ouvidos. Ouviu a nota amuada na voz do rapaz e suspirou.

— Nesta casa não importa quem foram os teus pais. O próprio

Cunomaglos, que dirige o priorado druida aqui, tal como a Senhora Cailleán dirige as sacerdotisas, vem de uma família de oleiros de perto de Londinium. Ninguém nesta terra sabe, a não ser pelos rumores, quem teria sido a sua mãe ou o seu pai. Perante os deuses, nada importa a não ser o que tu podes criar para ti mesmo.

*Isso não é completamente verdade*, pensou Gawen. *A Cailleán disse que me viu nascer, por isso sabe quem foi a minha mãe. Mas suponho que isso são rumores, e apenas tenho de acreditar que fala verdade. Poderei confiar nela?*, pensou repentinamente. *Ou neste velho, ou em alguém aqui?* Curiosamente, o rosto que lhe acorreu à mente nesse momento foi o da Rainha das Fadas. Ele confiava nela, pensou, e isso era estranho, porque nem tinha a certeza de ela ser real.

— Entre os druidas da nossa ordem — disse o velho —, o nascimento não importa. Todos os homens chegam a esta vida sem nada, e quer sejas filho do Arquidruida ou um vagabundo sem casa, todos os homens começam como um bebé nu aos berros... eu tal como tu, o filho de um pedinte ou o filho de cem reis... todos os homens começam assim, e todos terminam da mesma forma, numa mortalha.

Gawen fitou-o. A Senhora do Povo das Fadas usara a mesma expressão, «Filho de Cem Reis». Isto fê-lo sentir-se frio e quente ao mesmo tempo. Ela prometera vir buscá-lo. Talvez então lhe explicasse o significado desse título. De repente, sentiu o coração bater mais depressa e não percebeu se era de expectativa ou de medo.

Enquanto a Lua que lhe dera as boas-vindas no seu regresso a Avalon minguava, Cailleán deu por si instalada na sua rotina como se nunca tivesse estado fora. De manhã, quando os druidas subiam o Tor para saudar a aurora, as sacerdotisas faziam as suas próprias devoções junto da lareira.

Ao fim do dia, quando as marés distantes do mar erguiam o nível das águas nos pântanos, viravam-se a oeste para honrar o Sol que se punha. À noite, o Tor pertencia às sacerdotisas; lua nova, lua cheia e escuridão, cada uma tinha o seu próprio ritual.

Era assombroso, pensou ela, seguindo Eiluned para o telheiro, a rapidez com que as tradições podiam emergir. A comunidade de sacerdotisas na ilha sagrada ainda não celebrara o seu primeiro ano completo e já Eiluned tratava as formas de fazer as coisas que Cailleán sugerira como se tivessem força de lei e fossem uma tradição de 100 anos.

— Lembra-se, quando o Caminhante da Água veio a primeira vez, trouxe

um saco de cevada. Mas desta vez, quando veio buscar os seus remédios, não trouxe nada. — Eiluned conduzia o caminho até ao telheiro, ainda a falar. — Tem de perceber, senhora, que assim não é possível. Tem muito poucas sacerdotisas treinadas para cuidar daqueles que podem dar-nos alguma coisa em troca, e se insistir em recolher todos os órfãos que encontra, como vamos esticar as nossas provisões para os alimentar durante o inverno, é que eu não sei!

Por um momento, Caillean ficou sem fala; depois apressou-se para chegar ao lado dela.

— Ele não é um órfão qualquer, é o filho da Eilan!

— Deixe o Bendeigid levá-lo, então! Afinal, é o pai dela.

Caillean abanou a cabeça, recordando-se da última conversa. Bendeigid estava louco. Se pudesse evitá-lo, ele nunca saberia que Gawen ainda estava vivo.

Eiluned estava a tirar a barra que trancava a porta do telheiro de armazenamento. Assim que a porta se abriu, algo pequeno e cinzento correu para os arbustos.

Eiluned deu um pequeno guincho e cambaleou para trás, caindo nos braços de Caillean.

— Uma maldição sobre a besta imunda! Uma maldição...

— Cala-te! — disse Caillean com maus modos, abanando-a. — Não podes amaldiçoar uma criatura que tem tanto direito de procurar comida como nós. Nem negar a nossa ajuda a quem venha pedi-la, especialmente o Caminhante da Água, que nos transporta de um lado para o outro sobre a água sem mais do que uma bênção por pagamento!

Eiluned virou-se, as bochechas corando de forma agoirenta.

— Estou só a desempenhar a tarefa de que me incumbiu! — exclamou. — Como pode falar-me assim?

Caillean soltou-a e suspirou.

— Não queria magoar os teus sentimentos, nem sugerir que não fizeste as coisas bem. Somos novas aqui, ainda a aprender o que podemos fazer e do que precisamos. Mas sei que não vale a pena estarmos aqui se apenas o pudermos fazer tornando-nos tão duras e gananciosas como os Romanos. Estamos aqui para servir a Senhora. Não podemos confiar que Ela providenciará?

Eiluned abanou a cabeça, mas o seu rosto voltava ao tom normal.

— Servirá os propósitos da Senhora morreremos de fome? Veja. — Empurrou a laje do poço de armazenamento e apontou. — O poço está meio vazio e só chegaremos ao meio do inverno daqui a outra lua!

O poço está meio cheio, queria Caillean responder, mas fora devido à sua

compulsão para se preocupar com este género de coisas que nomeara Eiluned guardiã das provisões.

— Há outros dois poços ainda cheios — disse ela calmamente. — Mas fizeste bem em me avisar.

— Havia grão suficiente para vários invernos nos armazéns de Vernemeton, e agora há lá menos bocas para o consumirem — disse então Eiluned. — Podemos mandar pedir-lhes mais provisões?

Caillean fechou os olhos, vendo mais uma vez a pilha de cinzas na Colina das Donzelas. De facto, Eilan e muitas das outras não precisariam de se alimentar este inverno, nem nunca mais. Disse a si mesma que esta era uma sugestão prática, que Eiluned não pretendia magoá-la.

— Vou perguntar. — Forçou a voz a acalmar. — Mas se, como diziam, a comunidade de mulheres na Casa da Floresta vai ser dispersa, não podemos depender delas para nos apoiar outro ano. Seria melhor, em qualquer caso, que o povo de Deva nos esquecesse. O Ardanos meteu-se nos assuntos dos Romanos e quase nos causou um desastre. Acho que devíamos ser menos visíveis, e se assim for, teremos de arranjar uma forma de nos alimentarmos aqui.

— Esse é um assunto seu, Senhora. Lidar com as provisões que já temos, é meu — ripostou Eiluned. Empurrou a laje novamente para o seu lugar.

*Não, é assunto da Senhora, pensou Caillean enquanto prosseguiam a contagem de sacos e barris. É por causa d'Ela que estamos aqui, e não devemos esquecer-lo.*

Era verdade que ela e muitas das mulheres mais velhas nunca tinham conhecido outra casa além da das sacerdotisas. Mas tinham talentos que lhes conquistariam as boas-vindas no salão de qualquer chefatura bretã. Seria difícil partir, mas nenhuma delas passaria fome. Tinham vindo para servir a Deusa porque Ela as chamara, e se a Deusa queria sacerdotisas, pensou Caillean esboçando um sorriso, era tarefa Sua arranjar os meios de as alimentar.

— ... e não posso fazer tudo sozinha — continuou Eiluned. Com um sobressalto, Caillean percebeu que os comentários da outra mulher se tinham transformado num zumbido de fundo. Levantou as sobrancelhas interrogativamente.

— Não pode esperar que mantenha o registo de cada grão de aveia e de cada nabo. Mande algumas dessas raparigas ganharem o seu sustento ajudando-me!

Caillean franziu a testa, uma ideia florescendo subitamente. Uma dádiva da Senhora, pensou, a minha resposta. As raparigas que estudavam com elas

eram bem treinadas e podiam arranjar trabalho em qualquer casa da terra. Porque não aceitar as filhas de homens ambiciosos e ensiná-las por algum tempo, antes de elas saírem de casa para casar? Os Romanos não se ralavam com o que as mulheres faziam — nem precisavam de saber.

— Terás as tuas ajudantes — disse a Eiluned. — Deves ensiná-las como abastecer uma casa, e a Kea ensinar-lhes-á música e eu ensinar-lhes-ei as lendas antigas do nosso povo e o legado druida. Que histórias pensas que contarão aos filhos? E que canções cantarão aos bebés que tiverem?

— As nossas, suponho, mas...

— As nossas — concordou Caillean —, e os pais romanos que veem os seus filhos só uma vez por dia, à hora de jantar, nem pensarão em questioná-lo. Os Romanos acreditam que o que as mulheres dizem não importa. Mas toda esta ilha pode ser-lhes conquistada pelos filhos das mulheres treinadas em Avalon!

Eiluned encolheu os ombros e sorriu, compreendendo metade. Mas enquanto Caillean a seguia durante o resto da inspeção, a sua mente trabalhava rapidamente. Uma rapariga entre elas, a pequena Alia, já não era destinada para a vida de sacerdotisa. Quando voltasse a casa podia espalhar a palavra entre as mulheres, e os druidas levariam a notícia aos homens das casas principescas que ainda apreciavam as tradições antigas.

Nem os Romanos com os seus exércitos, nem os cristãos com a sua conversa de condenação, prevaleceriam contra as primeiras palavras que um bebé ouvia nos braços da sua mãe. Roma podia governar os corpos dos homens, mas era Avalon, pensou com entusiasmo crescente, a ilha sagrada, segura nos seus pântanos, que formaria as suas almas.

Gawen despertou muito cedo e ficou acordado, a sua mente demasiado ativa para voltar a dormir, embora o pedaço de céu que conseguia ver pela frincha no barro e vime da cabana começasse agora a iluminar-se com o início do dia. Brannos ainda ressonava suavemente na outra cama, mas do lado de fora da janela ouviu alguém tossir e o restolhar de roupas. Espreitou. Lá em cima, o céu continuava escuro, mas a leste um rosado pálido mostrava onde romperia a aurora.

Na semana que passara em Avalon tinha começado a aprender o seu modo de vida. Os homens reuniam-se defronte do salão dos druidas, os noviços vestidos de cinzento e os sacerdotes seniores de branco, preparando-se para os serviços do nascer do Sol. A procissão era completamente silenciosa; Gawen sabia que não fariam até o disco do Sol brilhar claramente por cima

das colinas. Seria um dia bonito; ele não vivera toda a sua vida num templo druida sem aprender ao menos isso acerca do tempo.

Depois de deslizar para fora da cama, vestiu-se sem perturbar o padre mais velho — pelo menos não o tinham consignado à Casa das Donzelas, onde seria vigiado como uma rapariga — e saiu furtivamente da cabana. A luz que precedia a aurora era débil, mas o cheiro fresco do princípio da manhã aromatizava o ar húmido, e ele respirou fundo.

Como que obedecendo a um sinal mudo, a procissão do nascer do Sol começou a mover-se em direção ao carreiro. Gawen esperou na escuridão mais intensa sob o toldo de palha da cabana até os druidas passarem por ele, depois, com pés silenciosos, desceu até às margens do lago. A fada dissera-lhe que esperasse ali. Todos os dias desde a sua chegada descera até à beira da água. Perguntava-se agora se ela alguma vez viria por ele, mas começara a amar, por si próprio, o lento nascer do dia sobre os pântanos.

O céu começava a corar com a primeira luz rosada da aurora. Atrás dele, a luz mais intensa mostrava-lhe os edifícios aglomerados sob a encosta do Tor. Havia o pico longo do salão de reunião, construído num retângulo ao estilo romano. Os telhados de colmo das casas redondas por trás deste brilhavam debilmente, a maior para as sacerdotisas, a mais pequena para as donzelas, e outro pequeno edifício, ligeiramente separado, para a Grã-Sacerdotisa. Alpendres para cozinhar e tecer e um celeiro para as cabras ficavam atrás destas. Apenas vislumbrava os telhados mais gastos dos salões dos druidas, do outro lado da colina. Mais abaixo, na encosta, sabia que ficava a nascente sagrada e, do outro lado dos pastos, encontravam-se as colmeias dos cristãos, aglomeradas em torno do espinheiro que nascera do cajado do padre José.

Mas ele ainda não tinha estado lá. As sacerdotisas, após alguma discussão sobre as tarefas que seriam adequadas para um rapazinho, tinham-no dedicado a ajudar a guardar as cabras que lhes forneciam o leite. Se tivesse ido para o seu avô romano, pensou, não teria de guardar cabras. Mas as cabras não eram má companhia. Olhando o céu cada vez mais brilhante, percebeu que as sacerdotisas em breve começariam a agitar-se e esperariam que ele fosse ao salão para o seu pão e cerveja matinais. E depois as cabras começariam a balir, ansiosas por saírem para os pastos na encosta da colina. O único momento que tinha para si mesmo era este.

Mais uma vez, ouviu mentalmente as palavras da Senhora: «Filho de Cem Reis.» Que quisera dizer? Porquê ele? A sua mente não largava estes pensamentos. Muitos dias tinham passado desde a estranha saudação. Quando viria por ele?

Ficou sentado por muito tempo na margem, olhando a extensão cinzenta

da água, mudando para um lençol de prata ao refletir o pálido Sol outonal. O ar estava fresco, mas ele estava acostumado ao frio, e a pele de carneiro que Brannos lhe dera para capa protegia-o. Havia quietude, mas não propriamente silêncio; à medida que ele próprio ficava mais quieto, dava por si a ouvir o sussurro do vento nas árvores, o suspiro da ondulação que beijava a margem.

Fechou os olhos e susteve a respiração quando, por um momento, todos aqueles pequenos sons que vinham do mundo à sua volta se tornaram música. Tomou consciência de uma canção — não sabia se vinha de fora ou se algo no seu espírito cantava, mas escutava a melodia cada vez mais docemente. Sem abrir os olhos, tirou do bolso a flauta de salgueiro que Brannos lhe dera, e começou a tocar.

As primeiras notas pareciam de tal modo um grasnido que quase atirou a flauta à água; depois, por um momento, a nota ficou mais nítida. Gawen respirou fundo, concentrou-se e tentou novamente. Mais uma vez ouviu aquele fio puro de som. Cuidadosamente, mudou a posição dos dedos e começou a produzir uma melodia. Quando relaxou, a sua respiração tornou-se mais funda, controlada, e ele afundou-se na canção que emergia.

Perdido na música, ao princípio não se apercebeu quando a Senhora surgiu. Apenas gradualmente o brilho de luz por cima do lago ficou debruado de sombra, e a sombra tornou-se uma forma, movendo-se como que por magia sobre a superfície até, finalmente, se aproximar o suficiente para ele ver a proa baixa do barco que a trazia e a haste esguia da vara.

O barco assemelhava-se àquele em que o Caminhante da Água os trouxera para a ilha, mas era mais estreito, e a senhora impelia-o com gestos longos e eficazes. Gawen observou-a atentamente. Estava demasiado confuso para a ver bem no primeiro encontro. Os seus braços magros e musculosos estavam nus até ao ombro, apesar do frio; o seu cabelo preto estava atado num nó junto da testa, que era alta e sem rugas, atravessada por sobrancelhas negras, uniformes. Os seus olhos também eram escuros e brilhantes. Estava acompanhada por uma jovem, de constituição robusta, com covinhas fundas engastadas nas faces brancas e rosadas, tão lisas como natas espessas, e cabelos finos, lustrosos e de um tom de cobre, a mesma cor da Senhora Eilan — a sua mãe. Usava o cabelo, como a sacerdotisa, penteado numa trança longa. A jovem sorriu-lhe rapidamente, as suas bochechas rosadas enrugando.

— Esta é a minha filha Sianna — disse a Senhora, fixando-o com olhos tão brilhantes e argutos como os de um pássaro. — Que nome te deram então, meu Senhor?

— A minha mãe chamou-me Gawen — disse ele. — Porque é que...

A Senhora interrompeu a sua pergunta.

— Sabes empurrar um barco à vara, Gawen?

— Não sei, senhora. Nunca me ensinaram nada acerca da água. Antes de irmos...

— Ótimo. Não tens nada para desaprender, e isto, pelo menos, posso ensinar-te. — Mais uma vez, as palavras dela sobrepuaram-se às dele. — Mas, de momento, basta que entres no barco sem o desequilibrar. Entra com cuidado. Nesta altura do ano, a água está demasiado fria para um banho. — Ela estendeu a sua mão pequena, dura como pedra, e equilibrou-o enquanto ele entrava no barco. Ele sentou-se, segurando os lados do barco quando este balançou, mas na verdade foi a sua própria reação à ordem dela, mais do que o movimento, que o perturbou.

Sianna riu-se e a Senhora fixou-a com os seus olhos negros.

— Se não tivesses sido ensinada, também não saberias nada. É bonito, troçar da ignorância?

*E a minha ignorância?*, pensou ele. Mas não tentou repetir a pergunta. Talvez ela ouvisse quando chegassem ao sítio para onde o levava.

Sianna murmurou:

— Foi só a imagem de um banho inesperado num dia como este... — Tentava parecer séria, mas riu-se outra vez e a Senhora sorriu com indulgência, empurrando com a vara e fazendo o barco deslizar na superfície do lago.

Gawen olhou de novo para a rapariga. Não sabia se Sianna troçara dele, mas agradava-lhe a forma como os seus olhos entortavam quando sorria e decidiu que não se importava que ela o provocasse. Ela era a coisa mais brilhante em toda aquela extensão de água prateada e céu pálido; ele podia ter aquecido as mãos no seu cabelo vermelho. Hesitantemente, sorriu. A radiância do sorriso que lhe respondeu golpeou a concha onde tentara esconder os seus sentimentos. Só muito mais tarde percebeu que, neste momento, o seu coração se abria a ela para sempre.

Agora, porém, sabia apenas que se sentia mais quente, e soltou a tira de couro que fechava a pele de carneiro. O barco movia-se suavemente sobre a água enquanto o Sol subia. Gawen ficou sentado em silêncio, observando Sianna por baixo das pestanas. A Senhora parecia não ter necessidade de falar e a rapariga seguia-lhe o exemplo. Gawen não se atreveu a interromper o silêncio, e deu por si a escutar o ocasional chamamento de um pássaro e o suave chapinhar da água.

A água estava calma, agitada apenas por pequenas ondas quando a brisa a tocava ou pela ondulação irregular que a Senhora lhe explicou assinalarem rochas ou barreiras escondidas. O outono tinha sido chuvoso e a água estava alta; Gawen olhou para as oscilantes plantas aquáticas e imaginou prados

afundados. Colinas e outeiros espreitavam através da superfície, ligados em alguns pontos por juncos grossos. Passava do meio-dia quando, finalmente, a Senhora fez o barco deslizar pela margem coberta de pedrinhas de uma ilha que — pelo menos para Gawen — não parecia diferente de qualquer outra. Depois saltou para terra seca e indicou às duas crianças que a seguissem.

Perguntou:

— Sabes fazer uma fogueira?

— Lamento, Senhora. Também nunca me ensinaram isso. — Sentiu-se corar. — Mas sei como manter uma boa chama, pois os druidas consideravam o fogo sagrado. Só podia extinguir-se em ocasiões especiais, e então eram os sacerdotes que voltavam a atea-lo.

— É típico dos homens transformarem em mistério algo que qualquer fazendeira sabe fazer — disse Sianna desdenhosamente. Mas a Senhora abanou a cabeça.

— O fogo é um mistério. Como qualquer poder, pode ser um perigo, ou um servo, ou um deus. O que importa é como é usado.

— E que género de chama é a que ateamos aqui? — perguntou ele com firmeza.

— Apenas o fogo de um viajante, que serve para cozinhar a nossa refeição do dia. Sianna, leva-o contigo e ensina-o a encontrar lenha.

Sianna estendeu a mão para Gawen, fechando os pequenos dedos quentes sobre os dele.

— Vem, temos de encontrar ervas secas e folhas mortas; algo que arda rapidamente e pegue fogo facilmente; pequenos galhos e madeira caída, como isto. — Soltou-lhe a mão e pegou num molho de galhos. Juntos procuraram coisas secas e fizeram uma pequena pilha de galhos e folhas numa cova chamuscada no solo húmido. Paus maiores estavam noutra pilha ali perto. Aquele sítio, claramente, já tinha sido usado antes.

Quando considerou a pilha bastante grande, a Senhora mostrou-lhe como atear lume com pederneira e aço que trazia num saco de couro amarrado no flanco, e a fogueira acendeu. Pareceu estranho a Gawen que ela o pusesse a fazer um trabalho de servo depois de o saudar como um rei. Mas, olhando para o fogo, lembrou-se do que ela dissera acerca dele e, por um momento, compreendeu. Mesmo um lume para cozinhar era uma coisa sagrada e talvez, nestes tempos, em que os Romanos governavam o mundo lá fora, até um rei sagrado precisasse de servir de maneira humilde e secreta.

Após alguns instantes, uma pequena fogueira alegre lançava para o ar estreitas plumas de chama, que a Senhora alimentou com paus sucessivamente maiores. Quando estava a arder bem, ela foi ao barco e tirou de um saco

a frouxa carcaça sem cabeça de uma lebre. Com uma pequena faca de pedra tirou-lhe a pele e as entranhas e estendeu-a sobre paus verdes por cima do fogo, que alcançou um brilho estável enquanto alguns dos paus se transformavam em carvão. Momentos depois, sucos fervilhantes da lebre começaram a gotejar para o lume. O estômago de Gawen rugiu de antecipação pelo cheiro delicioso, e apercebeu-se de que não tinha tomado o pequeno-almoço.

Quando a carne ficou cozinhada, a Senhora dividiu-a com a faca e deu uma porção a cada criança sem, contudo, servir nenhuma para ela. Gawen comeu com vontade. Quando terminaram, a Senhora mostrou-lhes onde enterrar os ossos e a pele.

— Senhora — disse Gawen, limpando as mãos à túnica. — Obrigado pela refeição. Mas ainda não sei o que quer de mim. Agora que já comemos, responder-me-á?

Por um longo momento, ela examinou-o.

— Pensas que sabes quem és, mas não fazes ideia. Eu disse-te, sou uma guia. Ajudar-te-ei a descobrir o que estás destinado a fazer. — Voltou ao barco, indicando-lhes que entrassem.

*Então e os cem reis?*, queria ele perguntar. Mas não se atreveu.

Desta vez, a fada guiou o barco através de águas abertas, onde o influxo de águas do rio cortava um canal através do pântano; dobrava-se muito para chegar ao fundo com o pau. A ilha à qual se dirigia era grande, separada apenas por um estreito canal do terreno mais elevado a ocidente.

— Caminhem silenciosamente — advertiu quando saltaram para a margem. Conduziu-os entre as árvores.

Mesmo no princípio do inverno, quando as folhas começavam a cair, mover-se entre os troncos e os ramos baixos não era uma tarefa fácil, e as folhas secas estalavam sob qualquer passo menos acautelado. Por algum tempo, Gawen ficou demasiado concentrado no ato de se mover para perguntar aonde iam. A fada avançava sem um som e Sianna movia-se quase tão silenciosamente. Faziam-no sentir-se como um boi grande e pesado.

A mão levantada dela obrigou-o a uma paragem grata. Lentamente, ela desviou um ramo de avelaneira. Por trás deste havia um pequeno prado onde veados-vermelhos comiam a relva a amarelecer.

— Examina os veados, Gawen, debes aprender os seus hábitos — disse ela baixinho. — No verão não os encontrarás aqui. Nessa altura, ficam deitados durante o calor do dia e só saem ao crepúsculo para se alimentarem. Mas agora sabem que têm de comer o máximo possível antes que chegue o inverno. É um dos deveres do caçador, aprender os hábitos de todos os animais que persegue.

Gawen aventurou-se a perguntar, em tom baixo:

— Eu serei, então, um caçador, Senhora?

Ela pensou antes de responder.

— Não importa o que vais fazer — respondeu, num tom igualmente baixo. — O que tu és, é algo diferente. É isso que tens de aprender.

Sianna estendeu a mão pequena e puxou-o para baixo, para um pequeno côncavo na relva.

— Observaremos os veados daqui — sussurrou. — Daqui podemos ver tudo.

Gawen ficou calado ao lado dela, e tão próximo que, de repente, foi invadido pela sensação intensa de que Sianna era uma rapariga, e da sua idade. Ele quase não vira, e muito menos tocara, uma rapariga antes de hoje; Eilan e Cailleán, que conhecera todos os dias da sua vida, não lhe pareciam mulheres. Subitamente, coisas que tinha ouvido toda a sua vida sem as entender abateram-se sobre ele. Quase avassalado por este novo conhecimento, sentiu as faces ficarem escarlates. Teve perfeita consciência disso e escondeu a cara na relva fresca. Sentia a fragrância húmida e suada do cabelo de Sianna, e o cheiro forte do couro grosseiramente curtido da sua saia.

Após um momento, Sianna deu-lhe uma cotovelada e sussurrou:

— Olha!

Avançando alta e ágil sobre a relva, surgiu uma corça, balançando ligeiramente sobre cascos que pareciam quase demasiado pequenos para suportar o seu peso. Alguns passos atrás dela, saltitando, uma cria, as suas manchas de bebé desaparecendo numa felpuda pele de inverno. A cria seguia os passos da mãe, mas, em comparação com a elegante confiança desta, o seu movimento era alternadamente desastrado e cheio de graça. *Como eu...*, pensou ele, sorrindo.

Gawen observou enquanto se moviam lentamente em tandem, parando para farejar o vento. Então, assustando-se talvez com qualquer som ínfimo que Gawen não ouvia, a corça levantou a cabeça e fugiu. Sozinha na clareira, a cria, primeiro, ficou petrificada; ficou imóvel por alguns segundos antes de correr atrás dela.

Gawen soltou a respiração. Não percebera, até então, que estivera a sustê-la.

*Eilan, minha mãe*, pensou, experimentando, não pela primeira vez, o pensamento, *era como aquela corça. Estava tão ocupada a ser a Grã-Sacerdotisa, que mal sabia que eu estava ali, e ainda menos quem ou o que eu era.*

Porém, agora, estava quase acostumado a essa dor. Mais real do que a memória era o conhecimento de Sianna estendida ao seu lado. Ainda sentia a

marca dos seus dedos pequenos e húmidos fechados sobre os dele. Começou a mexer-se, mas ela estava a apontar para o extremo da floresta. Ele gelou, tentando não respirar e então, no limite da clareira, viu uma sombra. Quase não ouviu o arquejo involuntário de Sianna quando, lentamente, um magnífico veado, cabeça coroada de chifres, desfilou através do espaço aberto. Tinha a cabeça erguida; movia-se com uma grandiosa e subtil dignidade.

Gawen observou sem se mexer enquanto o veado virava a cabeça, parando por um momento, quase como se o pudesse ver através das folhas.

Ao seu lado, Gawen ouviu Sianna sussurrar quase sonoramente:

— O Rei-Veado! Deve ter vindo para te saudar! Já tenho observado os veados durante mais de um mês sem o conseguir ver!

Involuntariamente, Gawen levantou-se. Por um longo momento, os seus olhos encontraram os do veado. Então as orelhas do animal abanaram e ele preparou-se para saltar. Gawen mordeu o lábio, certo de ter sido ele a sobresaltar o animal, mas no momento seguinte uma seta com penas pretas cruzou o ar e cravou-se no solo onde o veado estivera. Seguiu-se outra. Porém, nesse momento, todos os veados estavam de novo entre as árvores, e não se via nada além de ramos a estremecerem.

Gawen desviou os olhos do sítio onde o veado tinha estado para o ponto de onde tinham vindo as setas. Dois homens emergiram das árvores, espreitando com as mãos a protegê-los do Sol da tarde.

— Alto! — Eram os lábios da Senhora que se moviam, mas a voz parecia vir de todo o lado. Os caçadores detiveram-se imediatamente, olhando em volta. — Essa presa não é para vocês!

— Quem proíbe... — começou o mais alto dos dois, embora o seu companheiro estivesse a fazer o sinal de proteção contra o mal e a sussurrar-lhe que se calasse.

— A própria floresta o proíbe, e a Deusa que dá vida a tudo. Podem caçar outro veado, porque é a época, mas não este. Foi o Rei-Veado que se atreveram a ameaçar. Vão, e procurem outro trilho.

Agora, ambos os homens tremiam. Sem ousarem sequer reclamar as suas setas, viraram-se e fugiram para a vegetação baixa de onde tinham surgido.

A Senhora saiu da sombra de um grande carvalho e mandou ambas as crianças levantarem-se.

— Temos de voltar — disse ela. — Já passou a maior parte do dia. Estou contente por termos visto o Rei-Veado. Era isso que queria que visses, Gawen... a razão por que te trouxe aqui.

Gawen começou a falar, depois pensou melhor. Mas a rainha perguntou:

— Que é? Podes sempre dizer-me o que te vai na cabeça. Talvez não

possa sempre fazer ou dizer-te tudo, mas tu podes sempre perguntar, e se for algo que eu não possa fazer ou permitir, explicar-te-ei sempre porquê.

— Impediu aqueles homens de caçarem o veado. Porquê? E porque obedeceram?

— São homens desta terra, e têm juízo suficiente para não me desobedecerem. Mas, quanto ao veado, nenhum caçador das raças antigas o tocara deliberadamente. O Rei-Veado só pode ser morto pelo rei...

— Mas nós não temos rei — sussurrou ele, sabendo que estava a aproximar-se de uma resposta, incerto de querer saber.

— Agora não — concordou ela. — Vem. — Começou a voltar pelo caminho que os trouxera.

Gawen falou pesadamente:

— Gostava de não ter de voltar. Não sou mais do que um fardo indesejado para o povo do Tor.

Para grande surpresa de Gawen, a senhora não o assegurou imediatamente das boas intenções dos seus guardiões. Ele estava acostumado à forma como os adultos reforçavam sempre o que outros adultos diziam.

Ao invés, a Senhora hesitou. E então disse lentamente:

— Também gostava que não tivesses de voltar; não quero que sejas infeliz. Mas todos os adultos têm de fazer, mais cedo ou mais tarde na sua vida, algumas coisas que não apreciam ou para que não têm talento. E embora eu considerasse um privilégio adotar um da tua linhagem, e tenha sempre desejado um filho para criar com a minha filha, é necessário que permaneças no templo o tempo necessário para criar um druida. Essa aprendizagem é necessária também para a minha filha.

Gawen ponderou por um momento antes de falar.

— Mas eu não desejo realmente tornar-me um druida.

— Eu não disse isso... apenas que deves receber esse treino para cumprir o teu destino.

— Qual é o meu destino? — explodiu ele subitamente.

— Não posso dizer-te.

— Não pode, ou não *quer*? — gritou ele, e viu Sianna empalidecer. Não queria brigar com a sua mãe diante dela, mas precisava de saber.

Por um longo momento, a fada apenas o olhou.

— Quando vês as nuvens vermelhas e zangadas, sabes que será um dia de trovoadas, não é? Mas não podes dizer exatamente quando a chuva vai começar ou quanta cairá. É assim com o tempo dos mundos interiores. Conheço as suas marés e os seus ciclos. Conheço os seus sinais e posso ver os seus poderes. Vejo poder em ti, criança; as marés astrais ondulam através de ti como

as águas se separam por cima de uma árvore escondida. Embora não te sirva de conforto agora, sei que estás aqui com um propósito.

» Porém, não sei exatamente qual é esse propósito, e, se soubesse, não teria permissão para falar dele; porque é muitas vezes quando trabalham para uma profecia, ou para a evitar, que as pessoas fazem o que não deviam fazer.

Gawen ouviu isto sem muita esperança, mas quando ela chegou ao fim, perguntou:

— Nesse caso, voltarei a ver-vos, Senhora?

— Podes ter a certeza que sim. Não vai a minha filha viver entre as donzelas de Avalon? Quando for vê-la, visitar-te-ei também. Cuidarás dela entre os druidas como ela cuidou de ti na floresta?

Gawen olhou-a, atónito; Sianna não se enquadrava nada no padrão das sacerdotisas druidas, para quem o modelo era Eilan, ou talvez Caillean.

Então Sianna também seria uma? Ela também tinha um destino?